

Evilanna Lima Arruda

Universidade Federal do Tocantins - UFT
evilannalima@msn.com

Rejanne Lima Arruda

Universidade Federal do Tocantins - UFT
rejanne_lima@hotmail.com

Luciano Tavares de Souza

Universidade Federal do Tocantins - UFT
lucianotavaresdesouza@mail.uft.edu.br

Wagner dos Santos Mariano

Universidade Federal do Tocantins - UFT
wagnermariano@uft.edu.br

Anhanguera Educacional Ltda.

Correspondência/Contato
Alameda Maria Tereza, 4266
Valinhos, São Paulo
CEP 13.278-181
rc.ipade@aesapar.com

Coordenação
Instituto de Pesquisas Aplicadas e
Desenvolvimento Educacional - IPADE

Artigo Original
Recebido em: 19/09/2011
Avaliado em: 20/09/2011

Publicação: 5 de setembro de 2012

AUTOMEDICAÇÃO

Verificação em estudantes universitários da Universidade Federal do Tocantins - UFT Araguaína

RESUMO

A automedicação mostra-se uma prática bastante comum na sociedade brasileira, incluindo todas as faixas etárias e graus de escolaridade, trazendo desta forma uma preocupação aos dos profissionais da área da saúde, devido aos graves problemas que essa prática pode vir acarretar. Com intenção de verificar a incidência de automedicação entre os universitários da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína/TO, foi realizado um estudo, utilizando como instrumento para obtenção dos dados um questionário em formato de teste de múltipla escolha contendo 12 questões. Foram entrevistados 145 estudantes sendo que 84 eram do sexo feminino e 61 eram do sexo masculino. A média de idade dos acadêmicos é de 23 anos. Foi possível verificar que a prática da automedicação é algo comum e frequente na vida dos universitários, demonstrando a necessidade de traçar estratégias de sensibilização da comunidade acadêmica acerca do tema.

Palavras-Chave: automedicação; universitários; receita médica.

ABSTRACT

Self-medication reveals itself as a much common practice in the Brazilian society, including all age and education groups, becoming a source of preoccupation for the health professionals because of the grave problems this practice can bring. Intending to verify the incidence of the practice among the college students of Tocantins Federal University, campus Araguaína, a study was conducted using as data collection instrument a questionnaire with multiple choices and twelve questions. We interviewed 145 students, 84 female and 61 male. The average age of the academics was 23 years. We verified that the self-medication practice is common and frequent in college students' life, demonstrating the need to devise strategies to raise awareness of the academic community about the issue.

Keywords: self-medication; university; prescription.

1. INTRODUÇÃO

Os medicamentos são os tratamentos mais utilizados nos serviços de saúde, sendo que, nos países em desenvolvimento, cerca de 30% dos recursos da saúde são destinados para esses produtos. Estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que 50% de todos os medicamentos usados no mundo são prescritos, dispensados, vendidos ou usados de maneira incorreta; 66% dos antibióticos comercializados são vendidos sem receita, e o uso indevido de medicamentos é uma das 10 principais causas de mortalidade nos EUA (WHO, 2004).

Automedicação é uma forma comum de auto-atenção à saúde, onde diversos fatores favorecem o uso irracional de medicamentos, dentre eles estão o incentivo pelas propagandas de medicamentos de venda livre na mídia, a prática de venda indiscriminada de medicamentos nas farmácias sem prescrição médica, além do sistema de saúde inadequado e custo elevado dos planos privados de saúde e das consultas particulares (FILHO et al. 2002). A automedicação foi definida pelo uso de pelo menos um medicamento que não tenha sido indicado por médico ou dentista, isto é, indicado por farmacêutico, balconista de farmácia ou outros (SCHMID et al., 2010).

Dentre as formas pelas quais a automedicação pode ser praticada, citam-se a aquisição de medicamentos sem receita, o compartimento dos medicamentos com outros integrantes da família ou círculo social, a reutilização de sobras de medicamentos de tratamentos anteriores e a utilização de antigas prescrições. Destaca-se, ainda que esta prática é influenciada por amigos, familiares e balconistas de farmácia (BECKHAUSER et al., 2010). Pode ser definida também no consumo de um fármaco com o objetivo de tratar ou aliviar sintomas ou doenças percebidos, ou mesmo de promover a saúde independentemente da prescrição profissional (LOYOLA FILHO et al., 2002; LAM et al., 1994; PAULO; ZANINI, 1988). Segundo Schmid e colaboradores (2010), a automedicação consiste na seleção e uso de medicamentos por pessoas para tratar doenças auto diagnosticadas ou sintomas e devem ser entendidas como um dos elementos do autocuidado. O equívoco desta prática pode acarretar sérios problemas para o indivíduo que dela usufrui, principalmente aos pacientes idosos, que por apresentarem um estado de saúde debilitado, acabam sendo vulneráveis às consequências deste ato.

Por acreditarmos que a utilização de remédios, sem prévia consulta com profissionais da saúde, seja algo usual e pode gerar problemas extremamente nocivos para a saúde, além de deparamos semanalmente com acadêmicos fazendo uso da prática de automedicação no campus, o Grupo de Estudo e Pesquisa em Saúde e Prevenção de

Doenças (GEPSau) da Universidade Federal do Tocantins (UFT) - Campus Universitário de Araguaína (TO), propôs um levantamento entre os universitários, para traçar estratégias futuras de prevenção da automedicação. Este trabalho tem por objetivo verificar a utilização de medicamentos sem consulta médica, ou seja, efetivando a prática de automedicação, além de levantarmos os principais medicamentos utilizados cotidianamente entre os acadêmicos da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Araguaína/TO.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para obtenção dos dados deste trabalho, elaborou-se um questionário contendo 09 (nove) questões fechadas (múltipla escolha) e 3 (três) questões abertas, totalizando 12 (doze) questões (Anexo 1). O questionário foi aplicado em acadêmicos de todos os turnos e diferentes cursos da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Araguaína - setor CIMBA¹. As entrevistas ocorreram nos meses de Fevereiro e Março de 2011, sendo entrevistados 145 estudantes. O questionário foi adaptado ao trabalho: Perfil da automedicação nos pacientes otorrinolaringológicos, Servidoni et al. (2006), publicado na Revista Brasileira de Otorrinolaringologia. O presente projeto foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em Humanos da Universidade Federal do Tocantins (UFT), conforme parecer nº 73/2011 do dia 25/11/2011.

3. RESULTADOS & DISCUSSÕES

A seleção e uso de medicamentos por pessoas para tratar doenças autodiagnosticadas ou sintomas e deve ser entendida como um dos elementos do autocuidado - caracterizado por **automedicação** (SCHMID et al., 2010). Pelicioni (2005) aponta a automedicação sob duas vertentes: a responsável que pode representar economia para o indivíduo e para o sistema de saúde, evitando congestionamentos nos serviços ofertado; e a automedicação irracional, que por outro lado, aumenta o risco de eventos adversos e de mascaramento de doenças, o que pode retardar o diagnóstico correto. Aljinovic-Vučic e colaboradores (2005) destaca que embora a "automedicação responsável" possa, eventualmente, reduzir a "pressão" no sistema de saúde onde ele é de difícil acesso, tal procedimento é contestado e não isento de riscos.

¹ O *campus* Universitário de Araguaína da Universidade Federal do Tocantins (UFT) é dividido em duas unidades: A **Unidade CIMBA** e a **Unidade EMVZ** (Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia). O presente estudo entrevistou acadêmicos da unidade CIMBA - que abarca os cursos de licenciatura.

Dos 145 entrevistados, 84 eram do sexo feminino, 61 eram do sexo masculino, sendo que a média de idade era de 23 anos. Das 12 (doze) questões apresentadas, notou-se que a maioria dos entrevistados tiveram dificuldades em responder a questão 11 (onze) do questionário, referente ao nome do medicamento utilizado com frequência pelo entrevistado. Servidoni et al. (2006), comenta também que em sua pesquisa teve dificuldade em obter dados referentes a tipos de medicamentos, bem como os princípios ativos. Isso demonstra que boa parte da população (universitária ou não) desconhece a composição dos medicamentos e que existem substâncias químicas (princípio ativo) que podem atuar de forma diferente em dois sistemas fisiológicos, ou seja, o mesmo medicamento pode não apresentar o mesmo efeito em dois indivíduos diferentes. A ação farmacológica num organismo leva em conta vários fatores, por exemplo: Idade, sexo, peso, estado imunológico, dentre outros. Concordando com Silva (2010) a variação individual das respostas às drogas é causado, principalmente, pela idade, por fatores genéticos, étnicos e ecológicos, por certos estados fisiológicos como a gravidez, por estados patológicos como insuficiência renal ou hepática e por interações de drogas.

Ao analisarmos os resultados, observou-se que 98% (142/145) dos entrevistados já compraram e utilizaram medicamentos sem receita médica, sendo que 48% (70/145) (Figura 1) disseram que o medicamento necessitava de receita para a compra, mas, mesmo assim foi vendido na farmácia com orientação de um farmacêutico ou pelo próprio balconista (Figura 2). Neto e colaboradores (2006) em seu estudo a respeito da aquisição de medicamentos verificou que 75% dos entrevistados adquiriram medicamentos sem apresentação da prescrição.

Os medicamentos possuem forte valor simbólico para a população, transcendendo a sua atividade terapêutica, o que contribui para maior consumo e uso irracional destes (LEFÉVRE, 1991), diante disso, devemos salientar o papel social das farmácias além da venda de medicamentos é conscientizar e orientar o paciente ao uso racional e adequado do medicamento, entretanto nem sempre isso acontece de fato. Existem personagens nas farmácias que não possuem capacitação técnica profissional, como é o caso dos balconistas e atendentes, que por não serem profissionais da saúde nem sempre reconhecem os riscos do mau uso de uma medicação e acabam comercializando.

Neto et al. (2006) realizaram um estudo sobre automedicação em estudantes de uma faculdade de medicina. Um dos dados abordados no artigo foi o grau de formação dos acadêmicos em diferentes períodos, onde notou-se que os alunos dos períodos iniciais (1o e 2o) recorriam a amigos e familiares na prática da automedicação, já os alunos dos períodos finais (8o e 9o), por terem maior informação acadêmica, não buscam em terceiros

indicação de fármacos, os próprios acadêmicos se automedicam com base em seus conhecimentos prévios (NETO et al., 2006). 86% (124/145) dos estudantes entrevistados na UFT, afirmaram que a compra do medicamento sem receita era para uso próprio, onde 56% (81/145) baseavam-se em receitas antigas na compra, sendo que na maioria das vezes a receita pertencia: ao paciente – 38% (55/145); um familiar, vizinho e/ou outra pessoa (30/145 correspondendo a 20%) (Figuras 3 e 4).

Os Anti-inflamatórios não esteroides (AINES) e os corticoides são os principais grupos usados nas reações inflamatórias. “Os AINES são particularmente eficazes no tratamento da dor associada à inflamação e à lesão tecidual” (SILVA, 2010), seu mecanismo de ação consiste no bloqueio da síntese de prostaglandinas, mediadores dos processos inflamatórios, dessa forma atenuando a resposta inflamatória. Além do bloqueio das prostaglandinas, os AINEs também atuam inibindo outros mediadores inflamatórios que são responsáveis pela dor, ou seja, ao inibir tais mediadores os AINEs apresentam ação analgésica. Os glicocorticoides são hormônios esteroides, que funcionam como agentes anti-inflamatórios, antirreumáticos e antialérgicos (SCHELLCK, 2006). No questionário elaborado havia sugestões de diferentes categorias de fármacos conforme (Tabela 1), mais de 77% (112/145) utilizaram analgésicos e antiinflamatórios. Girotto (2010), em seu trabalho constata que o motivo do grande número de automedicação com analgésicos pode está relacionada à facilidade na aquisição desse grupo de medicamentos, onde a grande maioria é considerada Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP), e também devido a massiva publicidade, além de ser um dos grupos mais indicados por parentes e amigos. Deve-se levar em conta que apesar de serem (MIP) esses medicamentos necessitam de uma orientação adequada de um profissional da saúde, a fim de evitar possíveis interações ou intoxicações.

Tabela 1. Medicamentos utilizados.

Medicações utilizadas (%)	
Analgésicos	77%
Antiinflamatórios	72%
Corticóides	4%
Med. Resfriados	66%
Antialérgicos	26%
Antiasmáticos	2%
Descongestionantes Nasais	25%
Outros	11%

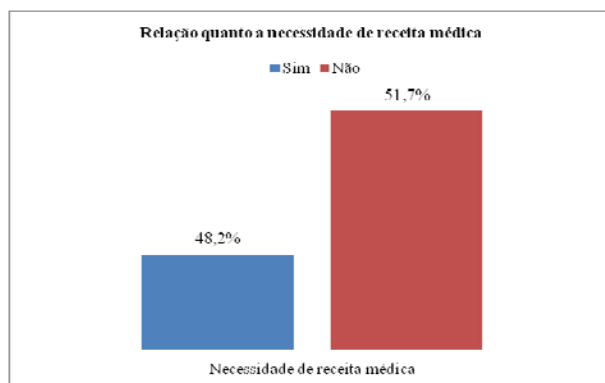


Figura 1. Relação quanto à necessidade de receita médica.

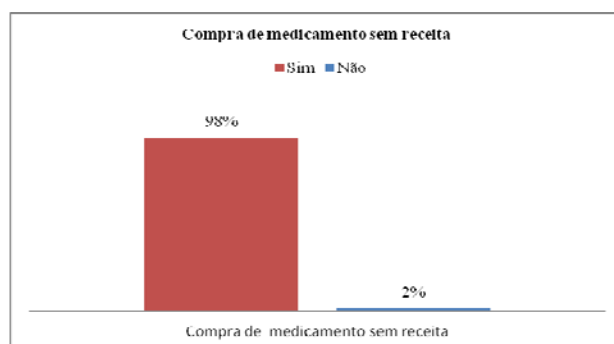


Figura 2. Compra de medicamentos sem receita médica.

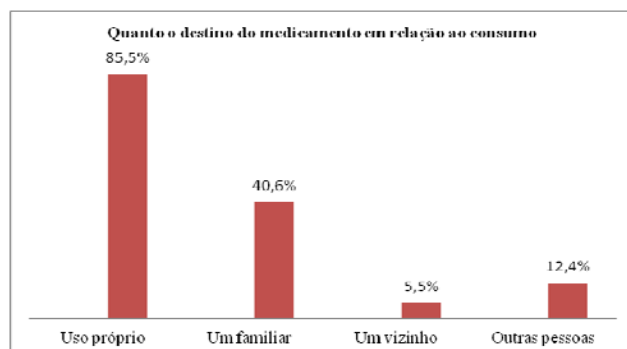


Figura 3. Quanto o destino do medicamento em relação ao consumo.

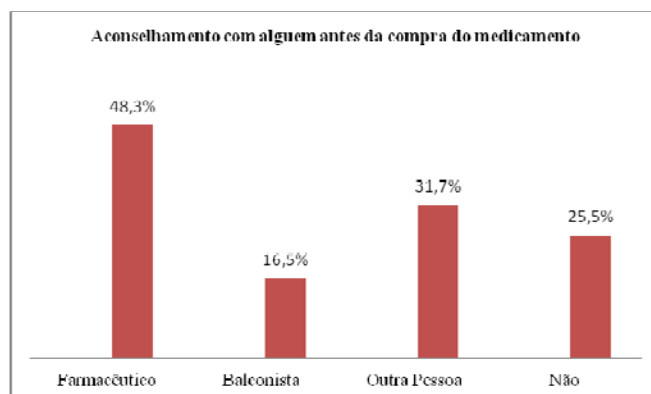


Figura 4. Aconselhamento com alguém antes da compra do medicamento.

Com a finalidade de atenuar a sintomatologia da gripe e resfriados, algumas associações medicamentosas são administradas por boa parte da população. Dentre os sintomas mais relacionados com a gripe e resfriado estão: Dor de cabeça, dores musculares por todo o corpo, mal - estar, tosse e dor de garganta (GHORAYEB, 2006). O grupo dos medicamentos para tratamento da sintomatologia da gripe foi mencionado por 65% (95/145) dos entrevistados; 25% (37/145) antialérgicos e descongestionantes nasais; 4% (6/145) corticóides quando uso se fazia necessário, sem prescrição médica. Beckhauser e colaboradores (2009), em sua pesquisa relatou que o fator que mais motivou a automedicação foi a praticidade, sendo que se torna mais prático ir à farmácia adquirir um medicamento do que marcar uma consulta com o médico para a mesma finalidade.

No tocante às principais doenças que levaram os acadêmicos a praticar a automedicação (Tabela 2) foram: cefaleias (77% 111/145); resfriados (74% 108/145); febre (60% 87/145); dermatites em geral (16% 23/145), entre outras patologias. Em várias outras pesquisas realizadas como a de Servidoni e colaboradores (2006) e Oliveira e Pelógia (2011) observaram que a cefaleia é o principal motivo/doença no qual motivou os entrevistados a praticar a automedicação, mostrando semelhança com os dados obtidos na presente pesquisa. Quando questionados sobre a leitura da bula do medicamento 62% (90/145) dos acadêmicos afirmaram leem a bula. No Brasil, a bula representa o principal material informativo fornecido aos pacientes na aquisição de medicamentos produzidos pela a indústria farmacêutica (SILVA et al., 2000). Neto et al. (2006) em seu estudo relata que grande parte dos entrevistados leem a bula do medicamento que irão ingerir, onde apesar de ser importante instrumento para informar o usuário a mesma pode gerar uma sensação superficial de domínio do saber médico. Dessa forma torna-se evidente o ato de automedicação entre jovens/estudantes, sendo possível fornecer neste trabalho informações sobre o perfil de automedicação entre os acadêmicos da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus Araguaína/TO.

Tabela 2. Possíveis patologias.

Patologias (%)	
Alergias	28%
Doenças Pulmonares	4%
Lesões Orais	6%
Resfriados/gripes	74%
Dor de cabeça (cefaleia)	76%
Febre	60%
Lesões na Pele	16%
Rinossinite	8%
Outros	8%

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os medicamentos são reconhecidos como instrumentos indispensáveis às ações de saúde, ocupando papel central na terapêutica da atualidade. Os fatores relacionados ao modo e utilização do medicamento refletem-se no efeito terapêutico, a orientação recebida no consultório médico, às vezes, é confrontada com outras fornecidas por diferentes profissionais da área da saúde, com aquelas obtidas por parentes, vizinhos e, também, nos meios de comunicação social. Esses confrontos podem levar ao uso inadequado desses produtos e surgimento de efeitos fisiológicos inesperados e contrários ao esperado (SILVA et al., 2011).

O exercício da automedicação envolve diversos aspectos que devem ser levados em consideração, tais como: a praticidade encontrada para resolver distúrbios menores, tendo em vista a inacessibilidade ao atendimento médico para boa parte da população e, o fato consistente na facilidade encontrada na aquisição de determinados medicamentos. No entanto, por haver pouca informação por parte da grande maioria dos consumidores, o risco de uma superdosagem apresenta-se como um fator periclitante, no que tange as associações medicamentosas.

Com base nos dados apresentados, é possível verificar que a prática da automedicação é algo comum e frequente na vida dos universitários, conforme ressaltado anteriormente. Esse resultado mostra a necessidade de traçar estratégias de sensibilização da comunidade acadêmica acerca do tema. O Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde e Prevenção de Doenças (GEPsau) da UFT/Araguaína pretende elaborar uma cartilha contendo os riscos da prática da automedicação, a qual será distribuída entre os alunos e comunidade em geral. Tal cartilha, além de apresentar os dados obtidos neste estudo, a partir dos eventos locais como tentativa de minimizar esta prática, promoverá, destarte, a utilização correta de fármacos, que deve ser em sua maioria via prescrição médica.

REFERÊNCIAS

- ALJINOVIC-VUČIĆ, V.; TRKULJA, V.; LACKOVIĆ, Z. Content of home pharmacies and self-medication practices in households of pharmacy and medical students in Zagreb, Croatia: findings in 2001 with a reference to 1977. *Croat Med J.*, n.46, p.74-80, 2005.
- BECKHAUSER, Gabriela Colonetti et al. Utilização de Medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. *Rev. Paul Pediatr.*, v.28, n.3, p.262-8, 2010.
- BERNAL, Regina; SILVA, Nilza Nunes. Automedicação em adultos de baixa renda no município de São Paulo. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 44, n. 6, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102010000600008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 set. 2011.

GHORAYEB, Nabil; FISS, Elie; BRANDÃO, Dagoberto de Castro. Avaliação clínica da eficácia e segurança do uso da associação de dipirona sódica, cafeína e maleato de clorfeniramina* comparados à associação de paracetamol, cloridrato de fenilefrina e maleato de carbinoxamina**no tratamento sintomático de gripe. **Rev. Bras. de medicina**, p.219-223, 2006. Disponível em: <http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=3293>. Acesso em: 18 set. 2011.

LEFÉVRE, F. **O medicamento como mercadoria simbólica**. São Paulo: Cortez, 1991.

NETO, José Antônio Chehuen et al. Automedicação entre Estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. **HU Rev**, Juiz de Fora, v.32, n.3, p. 59-64, jul./set. 2006.

OLIVEIRA, Andreia Lúcia Martins de; PELÓGIA, Naira Correa Cusma. Cefaléia Como Principal Causa de Automedicação Entre os Profissionais da Saúde não Prescritores. **Rev. DOR**. São Paulo, v.12, n.2, p.99-103, abr./jun. 2011.

PELICIONI, A.F. **Padrão de consumo de medicamentos em duas áreas da Região Metropolitana de São Paulo 2001**. 2005. 200f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Saúde Pública - Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2005.

PINHEIRO, Roberta Olmo et al. Análise da Automedicação no Município de Vassouras - RJ. **Infarma**, v. 17, n. 5/6, 2005.

SCHELLACK, Gustav. **Farmacologia: uma abordagem didática**. São Paulo: Editora Fundamento, 2006.

SERVIDONI, Alexandre Barbosa; COELHO, Liliane. Perfil da automedicação nos pacientes otorrinolaringológicos. **Rev. Brasileira de Otorrinolaringologia**, v.72, n.1, p.83-8, 2006.

SILVA, Ilane Magalhães; CATRIB, Ana Maria Fontenelle; MATOS, Vânia Cordeiro de; GONDIM, Ana Paula Soares. Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232011000700101&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 set. 2011.

SILVA, Penildon. **Farmacologia**. 8.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

SILVA, Tatiane da et al. Bulas de Medicamentos e a Informação adequada ao Paciente. **Revista Saúde Pública**, v.34, n.2, p.184-9, 2000.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. The world medicines situation 2004. Disponível em: <http://www.searo.who.int/LinkFiles/Reports_World_Medicines_Situation.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2011.

Evilanna Lima Arruda

Graduação em Farmácia Generalista pelo Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos, estudante de graduação em biologia da Fundação Universidade Federal do Tocantins e Bolsista do PET- Ciências Naturais na Fundação Universidade Federal do Tocantins.

Rejanne Lima Arruda

Graduação em Farmácia pelo Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos e estudante de graduação em biologia da Fundação Universidade Federal do Tocantins, onde foi monitora da disciplina de biologia geral dos cursos de licenciatura em química, física e biologia.

Luciano Tavares de Souza

Curso de Licenciatura em Biologia pela Universidade Federal do Tocantins, Campus Araguaína/TO. Voluntário do Programa de Educação Tutorial (PET/CIÊNCIAS NATURAIS) & Estagiário do curso de Biologia EaD da Universidade Federal do Tocantins.

Wagner dos Santos Mariano

Graduado em Biologia Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Católica Dom Bosco (2000) e Mestre em Ciências Fisiológicas pela Universidade Federal de São Carlos (2006). Atualmente é professor universitário da Universidade Federal do Tocantins (UFT) atuando nos cursos de Ciências Naturais (Biologia, Química e Física). Suas principais produções intelectuais são: Organizador do livro “O humano na contemporaneidade; aprendendo genética humana com relato de casos & tópicos especiais em saúde e produção animal”. Em 2010 lançou o seu primeiro livro autoral “Ensaio de um dramaturgo” para os amantes das artes cênicas.